

Nombre y Apellido de la autora: **Cristianne Maria Famer Rocha**  
 Pertenencia Institucional: **Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS)**  
 Dirección electrónica: [cristianne.rocha@terra.com.br](mailto:cristianne.rocha@terra.com.br)

#### Mesa 4: **Comunicación, tecnologías y sociedad**

### **LAS NUEVAS TECNOLOGÍAS EN NUESTRAS VIDAS Y EN LAS ESCUELAS: UN ANÁLISIS DE LA PRODUCTIVIDAD DE LAS CONSTRUCCIONES DISCURSIVAS DE DOS PERIÓDICOS NACIONALES BRASILEÑOS**

#### **AS NOVAS TECNOLOGIAS EM NOSSAS VIDAS E NAS ESCOLAS: UMA ANÁLISE DA PRODUTIVIDADE DAS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE DUAS REVISTAS NACIONAIS BRASILEIRAS**

#### **Resumen**

En este artículo pretendo, a partir de los textos publicados en dos periódicos brasileños de circulación semanal y cobertura nacional - *Veja* y *IstoÉ* - analizar las construcciones discursivas sobre la introducción de las nuevas tecnologías en nuestras vidas (y, en particular, en las escuelas) para comprender algunas de las condiciones de posibilidad que permiten, entre otras cosas, la modernización de la institución escolar para su continua producción de cuerpos dóciles (disciplinados, educados y controlados). Para analizar las noticias seleccionadas, se utilizaron los *operadores discursivos de los medios impresos* (Rocha, 2005), a partir de sus cuatro reglas (ubicaciones, repeticiones, énfasis y recursos). El análisis de los textos y de las imágenes publicados en los periódicos permite discutir algunas de las relaciones discursivas existentes, demostrando cómo los medios de comunicación informan pero también conmemoran la introducción y la utilización de las “nuevas” tecnologías en nuestras vidas y, especialmente en las escuelas, a pesar de las estrategias interesantes (e interesadas) que utilizan a favor de estas novedades.

**Palabras-clave:** Nuevas tecnologías, Educación, Media.

#### **Resumo**

Neste artigo, pretendo, a partir dos textos publicados em duas revistas brasileiras de circulação semanal e cobertura nacional - *Veja* e *IstoÉ* - analisar as construções discursivas sobre a introdução das novas tecnologias em nossas vidas (e, em particular, nas escolas) para compreender algumas das condições de possibilidade que permitem, entre outras coisas, a modernização da instituição escolar para sua contínua produção de corpos dóceis (disciplinados, educados e controlados). Para analisar as notícias selecionadas, foram utilizados os *operadores discursivos da mídia impressa* (Rocha, 2005), a partir das suas quatro regras (localização, repetição, ênfases e recursos). A análise dos textos e das imagens publicados nas revistas permite discutir algumas das relações discursivas existentes, demonstrando como os meios de comunicação informam porém também comemoram a introdução e a utilização das “novas” tecnologias em nossas vidas e, especialmente nas escolas, apesar das estratégias interessantes (e interessadas) que utilizam a favor dessas novidades.

**Palavras-chave:** Novas tecnologias, Educação, Mídia.

#### **Sobre as novas tecnologias...**

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço<sup>[1]</sup> desempenhem um papel capital na

---

<sup>1</sup> *Ciberespaço* - a versão em Língua Portuguesa para *cyberspace* - é a expressão que foi difundida pelo escritor de ficção-científica William Gibson, em 1984, em sua obra intitulada *Neuromante*. “Designa o espaço (virtual) criado pelas máquinas de simulação e redes de computadores” (Rudiger, 1999, p.100) e se refere à grande variedade de recursos de informação disponíveis nas redes virtuais acessíveis através da Internet.

mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização. (Lévy, 1996, p.11)

É consenso afirmar que as *novas tecnologias* vieram para ficar, para melhorar a vida de todos, para diminuir gastos desnecessários, encurtar distâncias enormes, evitar perda de tempo, enfim, para criar condições de mais rápido e democrático acesso às informações. No entanto, a utilização indiscriminada e atemporal do adjetivo *novas* empregado a *tecnologias* tem gerado algumas controvérsias, sobretudo no campo educacional. Pois recursos que aparentemente são tidos como *novos*, em um determinado tempo e espaço, deixam de sê-lo sem que sequer tenhamos nos dado conta de sua superação. Foi assim, por exemplo, nas escolas, com a introdução do livro, do retroprojeto, da televisão, do videocassete e, mais recentemente, do computador. Tal como nos alertam Burbules *et al.* (2001) e Hoffmann (2002), entre outros autores, a discussão em torno da introdução e da existência das *novas tecnologias* escolares não é recente, pois sempre que outros (e aparentemente novos) recursos são trazidos para dentro da escola, invariáveis discussões vêm à tona e inúmeros questionamentos são feitos sobre a adequação dos mesmos, suas vantagens e limitações. Nos anos setenta, por exemplo, no Brasil, a chegada do retroprojeto fez com que alguns docentes tivessem declarado inclusive “o fim da utilidade do quadro-negro e do giz” (Hoffmann, 2002, p.6).

Diante da percepção destas novas formas de viver tempos e espaços, faz-se necessário refletir sobre como estão ocorrendo estas mudanças, que tipo de modificações estão sendo operadas e como devemos nos posicionar diante delas. É preciso particularmente conhecer as tecnologias (ou os produtos tecnológicos) que estão sendo utilizadas de forma crescente nos ambientes escolares, a fim de podermos entender como elas estão sendo difundidas e como estão sendo articuladas com as conhecidas e tradicionais operações do ensinar-aprender, do disciplinar e do controlar. É preciso também compreender os impactos que estas tecnologias exercem, quais transformações sociais, econômicas, políticas e culturais (científicas e pedagógicas, no nosso caso) provocam e quais relações de subjetivação atuam para justificarem a necessidade de sua utilização.

Se, por um lado, acreditamos nas maravilhas que nos dizem existir do outro lado da tela transparente de um computador, de um vídeo, de um telefone digital, de um *chip*; por outro lado, precisamos aprender como operar estas transformações, conhecer os limites e as possibilidades destes meios de comunicação que unem o real ao virtual<sup>2</sup>, extraindo dos mesmos o máximo de suas potencialidades, compreendendo o quão produtivos são e o quanto estão sendo úteis na – e para a permanência da – atual conjuntura socioeconômica mundial.

---

<sup>2</sup> O *virtual*, ao contrário do que se convencionou, não é o oposto do real, mas uma atualização permanente deste último (Bogard, 1996; Lévy, 1996). Para uma maior compreensão desta distinção, sugiro a leitura do último capítulo do livro de Pierre Lévy (1996), *O que é o virtual?*.

As “inovações” – educacionais (de comunicação e informação<sup>3</sup>) e *dispositivas*<sup>4</sup> (de disciplinaridade e de controle) – são apenas algumas das condições de possibilidade que permitem à escola manter-se como uma das mais importantes instituições deste tempo. E esta “dupla” modernização possibilita que a sua permanência entre nós, enquanto lugar privilegiado do saber, se reforce, se mantenha, se recicle, se reconfigure.

Convém assinalar que a modernização das práticas pedagógicas (educacionais e *dispositivas*<sup>5</sup>) é um complexo e ambíguo processo. Por um lado, tais inovações produzem as desejadas modificações em relação ao tempo e espaço escolares, que satisfazem seus usuários justamente por permitirem, com menor esforço e empenho (ou seja, com maior economia<sup>6</sup>) o maior aproveitamento das tecnologias criadas:

A internet permite hoje que milhões de pessoas se dirijam a um vasto público internacional – pessoas que não teriam podido publicar suas idéias nas mídias clássicas como a edição em papel, nos jornais ou em televisão. (Lévy, 2002, p.1)

Por outro lado, este e outros autores questionam sobre a nossa capacidade de conviver com/usufruir das ofertas disponíveis democraticamente:

Para a inteligência coletiva, o principal obstáculo à participação não é a falta de computador, mas sim o analfabetismo e a falta de recursos culturais. É por isso que o esforço para a educação, a inovação pedagógica, a formação intelectual e o *capital social* são os fatores chaves do desenvolvimento da inteligência coletiva. (Lévy, 2002, p.2, grifo do autor)

Uma das minhas intenções, portanto, aqui, é refletir e problematizar como a mídia mostra a produtividade<sup>7</sup> das várias formas de modernização da escola, seja com a introdução

---

<sup>3</sup> As chamadas *Novas Tecnologias de Comunicação e Informação* (NTCI) são definidas como uma série de tecnologias que geralmente incluem o computador e que, quando combinadas e interconectadas, são caracterizadas pelo seu poder de memorizar, processar, tornar acessível (na tela ou em outro suporte) e transmitir, em princípio para qualquer lugar, uma quantidade virtualmente ilimitada e extremamente diversificada de dados (Grégoire *apud* Coscarelli, 1998).

<sup>4</sup> Na falta de um vocábulo mais adequado, decidi utilizar a palavra *dispositiva* em referência aos *dispositivos* foucaultianos (Foucault, 1989), e, assim, poder expressar, através dela, a reunião de diferentes discursos, decisões, regulamentos, leis, regras, normas, entre outras coisas, que formam uma rede dizível e visível que organiza e se organiza a partir de determinados fins (explícitos ou não).

<sup>5</sup> Importante reforçar aqui que, apesar da distinção que estou fazendo ao me referir às práticas “educacionais” e às “dispositivas”, elas não são utilizadas separadamente no espaço escolar, já que as tecnologias de ensino “dispõem” (no sentido foucaultiano) e as *dispositivas* também educam.

<sup>6</sup> A palavra *economia* (do grego οικονομια: οικο=casa e μετρον=medida, controle), e suas derivadas, foi constantemente utilizada por Foucault. Porém, ele a usa de maneira diversa daquela geralmente definida como “ciência, doutrina ou teoria que estuda os processos de produção, troca e consumo de bens e serviços capazes de satisfazerem as necessidades e os desejos humanos” (Zingarelli, 1996, p.584, trad. minha). Também aqui, usarei *economia* em um sentido mais amplo e próximo do seu original grego – “arte de bem administrar uma casa” (Houaiss, 2003); ou como “tendência do homem de realizar o máximo resultado com meios dados” (Zingarelli, 1996, p.584, trad. minha) –, ou seja, como a utilização máxima das fontes de que se dispõe.

<sup>7</sup> Produzir significa “dar origem a, ser fértil, gerar, (...) causar, ocasionar, provocar” (Houaiss, 2003); ou “dar, fornecer, como resultado de uma série de operações ou transformações realizadas pelo homem” (Zingarelli, 1996, p.1372, trad. minha). Nossa produtividade, portanto, está diretamente associada à capacidade que temos de “produzir coisas”, independente do julgamento moral que possa qualificar em boas ou más tais produções.

de novas tecnologias de ensino, seja com a utilização crescente de novos mecanismos de controle. Talvez esta aparente modernização seja apenas uma tentativa de manter a instituição escolar no centro de nossas esperanças e de nos fazer pensar que sem ela não conseguiremos alcançar os tão sonhados projetos modernos de humanização e progresso, mesmo que, para isto, tenhamos que incorporar, em nossas práticas pedagógicas, elementos (típicos da atual lógica cultural cibernética, internáutica, atemporal, desterritorializada etc) – de uma questionável<sup>8</sup> Pós-modernidade.

### **Os operadores e as operações**

Por vezes, empreender uma investigação<sup>9</sup> implica trabalhar meticulosa e pacientemente sobre “pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos” (Foucault, 1989, p.15). Outras vezes, como no caso desta pesquisa, embora realizada de forma meticulosa e paciente, a investigação obrigou-me a me debruçar sobre uma grande quantidade e variedade de documentos coloridos, cheios de imagens/fotos, títulos, inúmeros formatos e cores de letras. Não se configuraram propriamente em documentos riscados ou reescritos, mas, tal como os pergaminhos e suas particularidades, a multiplicidade de tecnologias e técnicas que são utilizadas na produção destes documentos que utilizei, permitiria um sem número de análises e releituras.

Por reconhecer, portanto, que os textos publicados na mídia impressa permitem esta infinidade de possibilidades investigativas, procurei – investida por uma vontade de ordenar, caracterizar e hierarquizar os discursos para torná-los inteligíveis – sistematizá-los a partir de algumas regras ou operações, a fim de que esta pesquisa pudesse ser concluída a contento. A análise pretendida, porém, não se propõe a ser uma interpretação reducionista da potencialidade dos discursos, já que não tem como objetivo procurar “o que está por trás” das enunciações, o que os textos escondem, o que não disseram ou que poderiam ter dito. Ou ser um comentário, repetindo o mais importante das teorias estudadas para referenciar e referendar as conexões feitas.

Para garimpar, a partir dos textos das inúmeras reportagens, as relações discursivas que imagino existir, foi importante e necessário estabelecer algumas estratégias de busca, separação e compreensão dos textos publicados<sup>10</sup>. Ou seja, busquei compreender os

---

<sup>8</sup> Para entender o sentido deste adjetivo e a desconfiança anunciada por alguns autores em relação a este mo(vi)mento cultural – a Pós-modernidade –, ver Jameson (1996) e o seu argumento de que ela é apenas a faceta cultural de um capitalismo moderno tardio; ou Giddens (2001) e aquilo que chama de “moderno tardio”; ou Bauman (2001) e a sua “modernidade líquida”.

<sup>9</sup> Foucault (1989) referiu-se, neste caso, à investigação genealógica.

<sup>10</sup> Ao classificar, hierarquizar e, em um certo sentido, categorizar, o material empírico, certamente perco em rigor, mas ganho em termos didáticos, tal como diz Veiga-Neto (2003).

enunciados formulados e veiculados pela mídia, neste caso impressa, a partir das regras ou operações que formulei para analisar como tais enunciados alcançam os desejados efeitos de objetivação – no caso dos temas apresentados – e de subjetivação – no caso dos leitores implicados.

As revistas são artefatos culturais e pedagógicos que englobam a produção e a circulação de saberes, onde jogos de poder estabelecem determinados modos de ser e viver que, graças às operações estratégicas que utilizam, passam a ser vistos como os únicos (e verdadeiros) possíveis.

Foi por acreditar que os textos veiculados na mídia não podem ser separados – enquanto “coisas ditas” – da materialidade das enunciações (Fischer, 2000), e que a produtividade dos mesmos está diretamente relacionada ao *como* (de que forma, com quais recursos), ao *onde*<sup>11</sup> (em que lugar) e *em quantas vezes*, é que decidi inventar os *Operadores discursivos da mídia impressa* que são colocados em funcionamento a partir de quatro regras:

#### *Regra das localizações:*

As reportagens ocupam lugares estratégicos nas revistas (ser matéria ou chamada de capa<sup>12</sup>; estar em uma ou outra seção; estar no início ou no final da revista; ocupar uma página inteira ou mais páginas etc) e tal localização, em geral, indica a importância e o destaque que a matéria recebe ou não. Além disto, as reportagens ocupam também lugares específicos nas páginas (página inteira, meia página, parte superior, parte inferior, entre outras).

#### *Regra das repetições:*

Os temas apresentados, por vezes, se repetem, em frequências variadas e nas mais diferentes condições (desde a repetição praticamente “literal” de uma reportagem até as repetições em que o tema é apresentado com a utilização de argumentos contrários ao que já foi publicado).

---

<sup>11</sup> Seguindo a lógica comercial, a venda dos “espaços publicitários” nas mídias – sejam elas *impressas* ou *eletrônicas* – depende do espaço (tamanho e lugar) e do tempo, respectivamente, que elas ocupam. Os custos de veiculação são negociados, em geral, no caso da mídia *impressa*, pelo número de colunas x cm; e, no caso da *eletrônica*, por tempo (15’, 30’ ou 60’). Os valores de negociação das mídias *digitais* envolvem tanto o espaço (lugar e tamanho) quanto o tempo da peça publicitária. Todas consideram, além disto, o lugar da inserção. Os valores para veiculação comercial, no entanto, são negociados de acordo com cada estratégia publicitária, e podem incluir descontos ou outros atrativos nem sempre presentes nas tabelas dos veículos.

<sup>12</sup> A chamada de capa é uma manchete de uma reportagem na capa, mas não se constitui na matéria de capa da revista. Portanto, uma capa tem, em geral, uma matéria de capa e, eventualmente, uma ou mais chamadas sobre outros temas de importância que se encontram publicados na revista.

*Regra das ênfases:*

É uma parte do “como” dos textos veiculados, ou seja, quais aspectos (no campo das ideias) as reportagens ressaltam, evidenciam, consideram. Apesar da pretensa “neutralidade informativa”, os textos publicados indicam as tomadas de posição das revistas, às vezes através do uso de palavras ou expressões (de cunho positivo/negativo, depreciativo/entusiasmado), outras vezes são os próprios argumentos – dados e fatos – que indicam as posições assumidas (favoráveis ou contrárias). A utilização constante de números, dados, gráficos, tabelas, percentagens nas reportagens – e que procuram fortalecer os argumentos utilizados na defesa de algumas “verdades” – se constituem naquilo que Sacchi dos Santos (2002) chama de *episteme da quantificação*: “os números são, de forma geral, um modo de governar. (...) embora não sejam pessoas (indivíduos), podem dizer muito delas; não só as produzindo, como também as regulando nessa produção” (p.38). Além disto, outro interessante fator a ser considerado na análise é o “autor” das informações publicadas (em geral, especialistas em determinada área do conhecimento).

*Regra dos recursos:*

É a outra parte do “como”, isto é, quais recursos gráficos são utilizados nas matérias publicadas (uso de imagens, cores, fotografias, tipos e tamanhos de letras etc).

São, portanto, estas *regras* ou *operações* que utilizo na análise das reportagens publicadas nas revistas *Veja*<sup>13</sup> e *IstoÉ*<sup>14</sup>. É importante ressaltar, porém, que não acredito ser possível fazer uma “tradução” fiel do visto e do lido, sobretudo em relação às imagens, pois todo e qualquer comentário, interpretação estará sempre limitado à palavra – à minha palavra – e

por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aqueles que as sucessões da sintaxe definem. (Foucault *apud* Sacchi dos Santos, 2002, p.165)

---

<sup>13</sup> A revista *Veja* teve a sua primeira edição em 11 de setembro de 1968. Circula, desde então, semanalmente em todo o território brasileiro, com venda em bancas de revistas ou por assinatura. Com o objetivo de informar a respeito de política, economia, saúde, entretenimento, esporte, lazer, trabalho, dentre outros temas atuais, *Veja* é, segundo Garcia (2003, p.2), “a quarta maior revista semanal de informação do mundo, sendo superada somente pelas americanas *Time*, *Newsweek* e *U.S. News and World Report*”.

<sup>14</sup> A revista *IstoÉ*, que chegou às bancas em maio de 1976, e, até março de 1977, sua publicação era mensal. A partir de então, passou a circular semanalmente com o mesmo objetivo da sua concorrente *Veja*: informar sobre política, economia, saúde, entretenimento, esporte, lazer, trabalho, etc. Segundo consta no próprio *site* da revista, ela é “a mais combativa, arrojada e independente revista de informação semanal do País”.

Espero, de qualquer forma, conseguir privilegiar o descritivo em detrimento do prescritivo; perguntar sobre o *como*, em detrimento do *porquê*<sup>15</sup>; estabelecer relações de múltiplas ramificações (e não as de causa-efeito, com um centro organizador, irradiador); questionar o conhecimento, seus efeitos de verdade e seus jogos de poder; fazer uso das ferramentas úteis e dispensar aquelas inúteis; criar um instrumento específico que seja útil a esta análise, para este momento; descentrar o autor como autoridade de verdade, mergulhando-o nas regularidades discursivas de seu tempo; e privilegiar a produção da significação (Corazza, 2000).

Não pretendo, apesar de ter escolhido uma seqüência de edições finita e fazer uso de alguns números para a análise, trabalhar com a *lógica das totalidades*, pois “(...) uma análise complexa da mídia e de seus produtos configura antes de tudo uma possibilidade, e certamente, por isso, não possui uma fixidez nem são universais” (Fischer, 2000, p.85). Não se trata, além do mais, de analisar os discursos que circulam na mídia como os únicos instituidores de verdades no mundo, mas analisar como se articulam na mídia os saberes e os poderes deste mundo, nos jogos de saber-poder-verdade.

### **As novas tecnologias em nossas vidas e nas escolas**

Que as “novas” tecnologias tenham vindo para ficar, para facilitar nossas vidas, creio que ninguém duvide. A quantidade, a intensidade e a velocidade com que as mesmas nos interpelam é que talvez devesse ser problematizada.

Não pretendo, aqui, discutir as nossas sensações a respeito da produtividade das tecnologias em nossas vidas. Minha intenção – bem mais modesta – é tão somente descrever e analisar como os textos, presentes nas revistas *Veja* e *IstoÉ*<sup>16</sup>, se referem às novas tecnologias, onde eles (textos) estão localizados ou dispostos nessas revistas, como eles se repetem, com qual ênfase são proferidos e quais são os recursos utilizados na publicação deles.

As reportagens sobre as novas tecnologias foram muito frequentes, nas revistas selecionadas, ao longo dos cinco anos pesquisados (totalizaram 687 reportagens). Praticamente em todas as edições, de ambas as revistas, foi publicada ao menos uma reportagem (independente do tamanho que ocupou na página) sobre o tema. Esta abundância está diretamente relacionada ao fato de que tanto a *Veja* quanto a *IstoÉ* possuem colunas ou seções fixas específicas sobre este tema (*Hipertexto* e *Século 21*, respectivamente). Mas, para

---

<sup>15</sup> Não me interessa a causa ou a origem do discurso, se existem culpados, responsáveis, heróis, vítimas, autores, estrategistas. O que fiz foi procurar, atenta e escrupulosamente, compreender a maquinaria da produção de algumas das verdades proferidas pela mídia.

<sup>16</sup> A revista *Veja*, nas citações entre parênteses, a partir de agora, será abreviada por “RV” e a *IstoÉ* por “RI”.

além desta aparente obviedade, o que chama a atenção nos dados coletados foi o quanto este tema esteve presente, em diferentes seções, nas revistas pesquisadas:

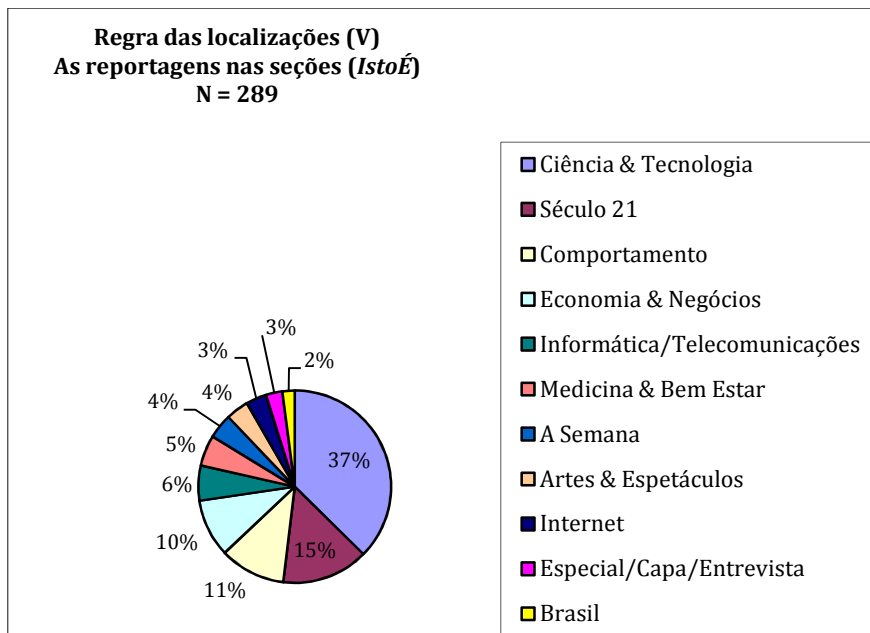


Gráfico 1: As reportagens sobre novas tecnologias nas seções (IstoÉ)

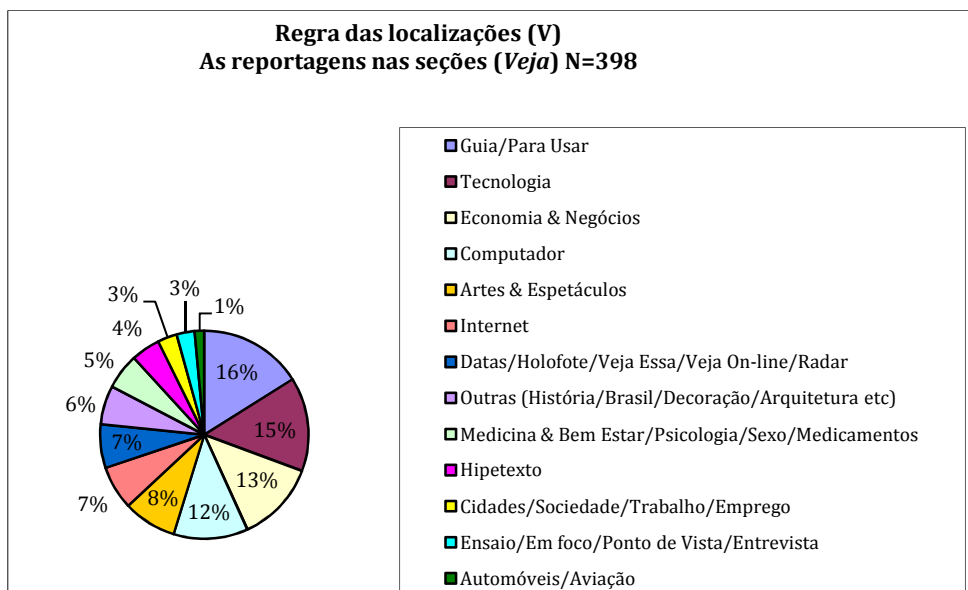


Gráfico 2: As reportagens sobre novas tecnologias nas seções (Veja)

Embora as reportagens sejam mais frequentes em seções afins ao tema – tais como *Ciência & Tecnologia*, *Computador*, *Internet*, *Informática* – a própria diversidade dos assuntos tratados também é um indício do quanto este tema é “caro” (ou interessante) à ordem discursiva presente nas revistas. Em geral, são inovações que “revolucionarão” (segundo as próprias revistas) os mais diferentes campos do conhecimento. Abaixo, cito alguns dos assuntos que foram frequentes em algumas seções<sup>17</sup> (ou áreas de saber), para se ter uma ideia

<sup>17</sup> Outros interessantes e instigantes exemplos podem ser vistos em Rocha (2005).



da diversidade encontrada e, em alguns casos, da forma como (ou com qual ênfase) foram descritos<sup>18</sup>:

- *Informática*: computadores (que desafiam a capacidade, melhoram a vida em casa, no trabalho e na escola, estão melhores e mais baratos), impressoras (cujo consumo está aumentando, graças às fotos digitais e às trocas de imagens pela Internet), monitores, *modems*, vírus (que causam estragos e obrigam especialistas a repensarem a segurança na rede), *hackers* “domados” (que são pagos pelas empresas para montar sistemas de segurança), Internet (agora sem fio, com mais de três milhões conectados), *e-mails* (que facilitam e infernizam a vida das pessoas);
- *Ciência & Tecnologia*: robôs (que deixarão as pessoas livres para pensar, já enxergam em três dimensões, interpretam imagens e reconhecem pessoas), bonecos eletrônicos (que falam e encantam as japonesas), satélites (que rastreiam o mundo), *chips* (que trabalham com a ajuda de células biológicas), relógios digitais (ou os micros de pulso que já fazem as tarefas do computador, trazem câmera de vídeo, telefone celular e aparelho de localização geográfica), celular-carteira (com monitor e teclado dobráveis), *ciber-capanga* (monitor sensível ao toque e teclado descartável), prancheta eletrônica (que auxilia a visita ao museu), aparelhos e sistemas de telecomunicações (celulares que fazem de tudo: tocam música, tiram fotos, acessam a Internet, organizam a agenda de compromissos, baixam *games*, enviam *e-mails* e até servem para falar; o videofone que permite ver e ouvir e é a nova onda da rede mundial), papel eletrônico (páginas serão leves, flexíveis, baratas, impressas e apagadas eletronicamente), *blogs* (diários virtuais, com música, vídeos e confissões que são a nova moda dos internautas), mulher digital (o *chip* fez a mulher: a modelo virtual combina a mulher europeia com as formas latinas e negras e os traços do rosto das orientais, ver figura 1 a seguir), joias digitais (conectadas à Internet para comunicação), algodão inteligente (elimina os odores da transpiração), roupas inteligentes (regulam a temperatura do corpo, medem a pressão e avaliam o grau de *stress*), caneta sem fio (que traduz a caligrafia para o computador, armazena na memória até dez páginas de texto e envia *e-mail*);

---

<sup>18</sup> Todas as informações contidas entre parênteses sobre os assuntos aqui relacionados foram retiradas dos textos das reportagens, embora não tenha dado às mesmas um tratamento de citação literal.



Figura 1: A mulher digital (Veja Vida Digital, 22 dez. 1999, p.23)

- **Medicina & Bem Estar:** laboratório virtual, cirurgia cibernética (realizada com o auxílio de um robô e aprovada pelo FDA), sites de consultas grátis (que permitem o auto-diagnóstico, facilitam o acesso às informações médicas e provocam uma revolução na relação médico-paciente), exames por e-mail, psicoterapia on-line (onde psicólogos ganham dinheiro oferecendo consultas de até cem reais pela Internet), implantes biônicos – ver figuras 2 e 3, a seguir – (para controlar ataques epiléticos, curar surdez e cegueiras: cego volta a enxergar com a ajuda de cabos e computadores ligados a seu cérebro), próteses eletrônicas, memória digital, coração elétrico (movido a bateria), farmácia on-line, microcâmera em forma de pílula para percorrer e filmar o sistema digestivo (avanço tecnológico que permite a mais nítida viagem pela anatomia humana), aparelhos portáteis (para exames cardíacos e respiratórios por telefone), braço biônico (a última novidade da ciência na criação de órgãos e membros artificiais), anestesia dentária controlada por computador, nascimento on-line (parto pela Internet);



Figuras 2 e 3: Seres biônicos (RI, 9 fev. 2000, capa; RV, 25 out. 2000, p.86-86, respectivamente)

- **Educação:** jogos pedagógicos para aprendizagem eletrônica (que divertem, educam e não chateiam), ambientes de aprendizagem virtual, sites de consulta, bibliotecas virtuais (cada

vez mais comuns na Internet, oferecem livros – inclusive raros, que iriam desaparecer se não fosse a Internet – em diversos idiomas que podem ser copiados de graça), livros (ou *e-books* que são capazes de armazenar uma biblioteca inteira, ver figura 4 a seguir), alunos conectados (que se diferenciam daqueles que estão fora da rede), enciclopédia virtual (que parou de cobrar pelo serviço via Internet e foi afogada por mais de cinco milhões de consultas), o “internetês” (a nova língua da Internet);



Figura 4: *E-book* (RI, 5 maio 1998, p.66)

- *Serviços*: cartório *on-line* (onde é possível solicitar todo e qualquer documento sem a burocracia nem as filas dos cartórios); correio *on-line* (venda de selos pela Internet), contratos digitais (já que a nova lei americana reconhece a validade da assinatura eletrônica dos documentos na Internet), urna eletrônica (que permite votar pelo computador), imposto de renda *on-line* (a Internet reduz o tempo de preenchimento da declaração e livra o contribuinte da fila), *Cyber-Procon* e outros órgãos oficiais (que permitem tirar documentos e resolver problemas pela Internet);
- *Amor/Emoções/Fé*: sites (que ajudam solitários a encontrar uma paixão), amante virtual, infidelidade virtual (produzida pelo mundo do bate-papo *on-line*), agências de matrimônios *on-line* (que operam na Internet e se tornam opção para quem busca namorado), enterro *on-line*, Igreja *on-line* (João Paulo – o tecnopapa – confessa pelo computador, bíblia *on-line*, conselhos, missas virtuais, velas virtuais, doações *on-line*), berçários virtuais (com fotos de recém-nascidos que fazem a alegria de pais e avós corujas), encontros (a grande rede eleva as possibilidades individuais e aproxima pessoas afins) e reencontros (onde as pessoas se reencontram depois de 30 anos);
- *Segurança*: tecnologias para encontrar crianças desaparecidas, babá eletrônica (um *chip* que ajuda os pais a controlar o que os filhos vêem na TV), celulares inteligentes (que são a nova arma para segurança do carro e do proprietário, pois o aparelho fica escondido e é acionado pelo proprietário, caso o ladrão roube o carro, e envia um sinal localizador via satélite de

onde o carro está), detectores de mentira portáteis (que captam microtremores de voz, têm taxa de acerto de 50% e custam apenas 270 reais); e assim por diante.

Em um certo sentido, as tecnologias foram e continuam sendo criadas a partir de determinadas necessidades, de determinadas demandas sociais. Porém, ao serem inseridas nesse mesmo tecido social, seus usos são ressignificados e os caminhos tomados por elas passam a ser imprevisíveis. Um exemplo bastante interessante disto foi a própria criação da Internet, que foi concebida como uma ferramenta restrita para a segurança de dados militares nos anos sessenta e acabou se expandindo de forma impressionante. Por um lado, a interligação em rede que perpassa de forma cada vez mais intensa variados equipamentos tecnológicos – não apenas computadores, mas também eletrodomésticos e objetos de uso pessoal – facilita o acesso a dados, permite gerenciar informações de qualquer lugar e em qualquer tempo, permite uma série de benefícios antes inimaginados. Por outro lado, estar em rede também permite que o controle se dê de forma mais intensa e mais rápida. Às facilidades oferecidas, o ônus – do controle permanente – é inevitável, imprevisível e, talvez, incontrolável.

A abundância, diversidade, amplitude, riqueza de detalhes e possibilidades que demonstro existir nos textos das reportagens sobre estes dois temas – ainda que exemplificadas aqui de forma bastante limitada e redutora (por razões óbvias) – parecem ser extremamente produtivas.

A primeira constatação que faço, a partir dos dados coletados, é que em quase todas as edições das duas revistas foi publicada, no mínimo, uma reportagem sobre as novas tecnologias. As reportagens, no entanto, localizaram-se predominantemente na parte final das revistas e quase a totalidade delas ocuparam no máximo duas páginas.

Ao publicar pequenas e constantes reportagens, as revistas saturam seus leitores, pela quantidade e pela constância. Porém, apresentam algumas vantagens:

[As] pequenas porções textuais (...) podem ser lidas em qualquer ordem. Cada texto é autônomo e tem proporções muito pequenas. Claro que só imitam a possibilidade da leitura não-linear, mas não conseguem reproduzir as condições do espaço virtual. (...) Esta forma de escrever tem um fascínio muito grande hoje e parece estar a serviço da pouca paciência e do pouco tempo que temos para ler textos longos. Não serve para aprofundamento, pois é de tal forma fragmentária que não consegue sequer saciar a curiosidade, quanto mais a necessidade de conhecimento aprofundado. (...) Por outro lado, a noção de hipertexto na revista *Veja* está associada sobretudo a um estilo rápido e deslinearizado na mesma página, relacionando texto e imagem. (Marcuschi, 2001, p.91)

Além disto, outras estratégias são utilizadas para fazer desta saturação uma positiva repetição: em primeiro lugar, o tema central – as novas tecnologias – está presente em reportagens que tratam dos mais diferentes assuntos; em segundo lugar, estas reportagens ocupam as mais diferentes seções e, por último, ocupam o menor espaço possível. Portanto, repete-se muito e diferentemente. E, assim, não se produz nos leitores uma sensação de

possível incômodo por estarem lendo as mesmas coisas várias vezes, pois os textos são curtos (em geral, informativos e objetivos), estão inseridos em contextos diferentes e não parecem ter as mesmas intenções. A leitura destas reportagens, desta forma, se torna leve e quase não se percebe que estamos sendo bombardeados por uma quantidade de informações que enfatizam os mesmos aspectos: ressaltar a introdução, a manutenção e a importância das novas tecnologias em nossas vidas.

Um outro aspecto importante de ser considerado nesta análise – e que, em um certo sentido, já foi antecipado quando descrevi a forma como os inúmeros assuntos são apresentados nas reportagens – diz respeito às ênfases utilizadas. Quase a totalidade de vezes em que o tema das novas tecnologias aparece, o mesmo foi apresentado de uma forma positiva e propositiva. A lógica utilizada é a do “futuro que já está acontecendo”, do qual não podemos ficar fora dele:

O computador deixará de ser algo imóvel para adquirir onipresença e ser útil a qualquer hora. (RI, 5 jan. 2000, p.82)

O futuro é agora: aparelhos se interconectam, diminuem de tamanho, ganham potência e confiabilidade. Quando? Já. (RI, 5 jan. 2000, p.88-89)

*Chip*, você ainda vai ter um. (RV, 16 jan. 2002, p.97)

Caiu na rede é lucro: meios eletrônicos transformam produção, comércio e serviços em nome do consumidor. (RI, 5 jan. 200, p.93)

O super-hiper-computador de água: indústria investe centenas de milhões de dólares em tecnologias bizarras para criar nova geração de poderosos cérebros eletrônicos, cuja velocidade deixará os mais rápidos hoje parecendo calhambeques. (RI, 27 maio 98, p.60-61)

Navegar é preciso: (...) crescem por todo o país os movimentos para incluir os pobres na revolução digital. (RI, 20 mar. 2002, p.75)

As palavras e/ou expressões empregadas nos textos das reportagens também sugerem a ênfase positiva com que as novas tecnologias são consideradas:

O sucesso *meteórico* da Internet. (RV, 29 jul. 1998, p.36, grifo meu)

A Internet brasileira acaba de ganhar um *utilíssimo* serviço de localização geográfica. (RV, 24 mar. 1999, p.92, grifo meu)

Máquinas *maravilhosas*: A Ericson mostrou em Estocolmo, na Suécia, os primeiros protótipos de equipamentos com a tecnologia Bluetooth, que conecta via ondas de rádio diversos aparelhos eletrônicos. (RI, 26 maio 1999, p.60, grifo meu)

Segundo Wolton (2003), as novas tecnologias se beneficiam de uma publicidade sem precedentes e sem limites: quase ninguém ousa criticá-las, nem questionar se elas realmente “significam um progresso a tal ponto incontestável que justifique o clamor incessante pela imperiosa necessidade de *modernização*” (p.83, grifo do autor). E continua: “Para muitos, a quantidade de computadores conectados à Internet parece ser o índice mais preciso sobre o grau de desenvolvimento de um país, até mesmo de inteligência...” (p.83-84).

Em relação aos recursos utilizados nas reportagens analisadas, observei que o número de reportagens com imagens foi frequente – seguindo a linha editorial adotada pelas revistas. Porém, o número de imagens por reportagem não foi grande: variou de uma a quatro imagens.

As imagens utilizadas nas reportagens também são interessantes de serem analisadas. Não porque sejam representativas, enfáticas ou se utilizem de variados recursos (cores, fotomontagens ou outros aspectos). Justamente ao contrário: muitas delas são ilustrações ou fotografias dos objetos tecnológicos ou das pessoas que, por motivos diferentes, aparecem falando ou atestando a produtividade das novas tecnologias. Dentre os objetos tecnológicos reproduzidos nas imagens, os mais frequentes são os computadores e os seus mais diferentes acessórios periféricos (ver figuras 5 e 6, a seguir):



Figuras 5 e 6: Novas tecnologias (RI, 16 fev. 2000, p.78-79; RI, 12 abr. 2000, p.54-55, respectivamente)

Particularmente em relação ao uso das novas tecnologias na educação, creio ser importante referir que muitas reportagens veiculam ideias sobre as novas tecnologias que não estão diretamente relacionadas ao espaço ou às práticas escolares, mas que instituem ou influenciam a construção de discursos favoráveis à introdução das novas tecnologias nas escolas ou no processo de ensino-aprendizagem. Por outro lado, algumas reportagens trazem, em seus textos ou imagens, referências explícitas às escolas. Na maioria destas, as novas tecnologias são apresentadas como benefícios que vão melhorar a vida na escola, dentre tantos outros lugares, tal como a reportagem publicada em *IstoÉ* (12 abr. 2000), intitulada “Geração Virtual”:

Nunca uma revolução foi tão rápida. Em apenas 30 anos, a rede de computadores (...) transformou-se em uma gigantesca malha de 36 milhões de *sites* e 196 milhões de usuários (...). Estamos imersos em *bites* e os impactos de avanços à velocidade da luz nas tecnologias de informação já são visíveis. O mundo depois da Internet decididamente já não é mais o mesmo. Tudo está mudando. O modo de criar riquezas, a natureza do comércio, a dinâmica do aprendizado. As grandes corporações estão dando lugar a estruturas empresariais ligadas em rede. O trabalho deslocou-se da sede da empresa para a casa, o carro, o *cybercafé*. Com um *mouse* na mão, é possível explorar as ruínas romanas, visitar a prima nos Estados Unidos, participar de um debate sobre Hepatite B, analisar a movimentação bancária, descobrir porque você tem dores de cabeça e, claro, namorar. Tudo sem sair da cadeira. O planeta agora cabe num computador e a palavra-chave pra *[sic]* relacionamentos de todo tempo dentro dessa nova ordem é cada vez menos hierarquia e mais interatividade. [p.54] (...) Mas é na área de educação que os benefícios da rede são mais festejados. (p.58)

Apenas uma das reportagens – intitulada “Bom ou poderoso?” (RI, 12 set. 2001, p.82) – se refere explicitamente à utilização das novas tecnologias nas escolas e questiona a exigência do governo federal brasileiro em usar um determinado programa da *Microsoft* nos computadores das escolas brasileiras. Deveriam ter sido, até 2002, segundo a reportagem, treze

mil escolas públicas de ensino médio e profissionalizante com 233 mil computadores ligados à Internet usando obrigatoriamente o sistema operacional *Windows*. A reportagem questiona esta imposição e alerta sobre o fato de que “os alunos que aprendem no *Windows* vão eternizar um monopólio cultural e criar um mercado cativo” (p.82). Resta, ao final da reportagem, uma pergunta: “a Microsoft é um monopólio porque vende mais ou vende mais porque é um monopólio?” (p.82).

A maior reportagem (um total de oito páginas) sobre o assunto das novas tecnologias nas escolas foi publicada em *Veja Vida Digital* (22 dez. 1999) e se intitula “Janela para o futuro”. Nesta, o argumento utilizado – como sempre, a favor das novas tecnologias nas escolas – é o de tentar demonstrar, através dos textos (fatos e dados) veiculados que “computador e Internet na sala de aula nas mãos de professores treinados são um poderoso instrumento de ensino [pois] a experiência mostra que quanto mais tempo os alunos passam com computadores maior é a chance de obter uma colocação no mercado” (p.33).

As imagens reais (não são ilustrações nem montagens) – em uma delas é mostrada uma escola de Ribeirão Preto (SP) em que as carteiras tradicionais e também os cadernos foram abolidos e os alunos utilizam equipamentos de realidade virtual em algumas aulas – impressionam duplamente: pela realidade apresentada e pela distância desta singular realidade em relação à maior parte das outras realidades escolares brasileiras (ver figuras 7 e 8, a seguir).



Figura 7: Aula do futuro (Veja Vida Digital, 22 dez. 1999, p.34-35)



Figura 8: Aula do futuro (RI, 30 ago. 2000, p.46-47)

## Algumas conclusões

Parece, por tudo o mostrado até aqui, tal como afirmam os textos das revistas pesquisadas sobre este tema, que as novas tecnologias facilitam a vida, dão autonomia, ensinam, divertem, ajudam, nos fazem crescer e nos obrigam a pensar, permitem de tudo (brincadeiras, prazeres, seduções em casa, na rua, na escola, no trabalho) e, criam novas regras de convivência. Parece ser impossível, portanto, que ninguém nunca tenha ouvido falar ou não deseje algum destes “fantásticos” produtos que, dizem os textos das revistas, vão invadir todos os aspectos de nossas vidas (casas, roupas, automóveis e mobília). Além disto, parece que somente as máquinas cibernéticas – seja qual for a escolhida (um computador, um celular, um carro, uma caneta, uma casa, um *eletronic pasta spoon timer*<sup>19</sup>, uma geladeira, uma câmera digital, uma TV de plasma, um *dotsurfer gtran wireless*<sup>20</sup>, um *notebook*, entre outras inúmeras e inimaginadas sugestões) – podem se transformar nos atuais objetos de desejo, de um mundo cada vez mais computadorizado.

É importante assinalar que esta insistência sobre as vantagens e comodidades dos equipamentos tecnológicos pode ser explicada ou analisada a partir da problematização da lógica de mercado, na qual todos estamos inseridos. Embora não tenha sido meu objetivo aqui analisar tais reportagens a partir dos discursos econômicos (capitalistas) ou políticos (neoliberais) vigentes, creio que poderia ser um interessante modo para se analisar e compreender a produtividade discursiva da mídia acerca destes produtos e da insistência da

<sup>19</sup> Uma colher com sensor e cronômetro instalado no cabo e que avisa a hora certa de tirar o macarrão da água (RV, 4 dez. 2002).

<sup>20</sup> Um aparelho do tamanho de um cartão de crédito que conectado ao *notebook* ou ao *palmtop* funciona como receptor de sinais enviados pelo celular. Com ele, consegue-se acessar a Internet diretamente sem a ajuda de telefones (RV, 4 dez. 2002).



mesma em que não podemos viver sem eles. A própria rapidez com que os produtos são substituídos, envelhecidos, superados tecnologicamente também produz permanentes necessidades, que nunca são satisfeitas. E, neste caso, também poderia falar de uma lógica que pretende, ao dispor (ou impor) a seus consumidores permanentes substituições, aquisições, trocas, atualizações, controlá-los também a partir do consumo.

O estilo *web* de vida – que vai decolar ainda mais nos próximos cinco anos (Veja Vida Digital, 22 dez. 1999) – parece ser o único possível e desejável. E esta necessidade, afirmada e reafirmada pelos textos publicados, em pequenas e constantes doses, é uma das estratégias de convencimento utilizadas para nos fazerem crer que, sem as novas tecnologias estamos perdidos, que “não existe vida fora delas”.

As revistas escolhidas para esta pesquisa e os discursos nelas veiculados não representam a totalidade das realidades existentes. Ao falarem para um determinado público, fazem opções, recortes, mostram partes, incentivam algumas práticas, execram outras. Os textos (argumentos e imagens) que proliferam nestas mídias, portanto, são datados e contextuais. E muito significativos, por certo, para os leitores destas revistas.

Por outro lado, a produtividade discursiva destes textos está na capacidade dos mesmos de multiplicarem forças, se atualizarem, se revitalizarem lá onde encontram ecos. Pois são os espaços de ressonâncias e dispersões que produzem os variados sentidos e as inúmeras verdades.

Ao optar por realizar a pesquisa nestas revistas, já imaginava o quanto elas seriam favoráveis às mudanças que estão sendo operadas em nossas vidas e nas escolas. O que não imaginava é que as vantagens relacionadas ao uso e disseminação das novas tecnologias seriam tantas e tão transformadoras. Foi o que pude comprovar.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. (2001). *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BOGARD, William. (1996). *The simulation of surveillance: hypercontrol in telematic societies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BURBULES, Nicholas C.; CALLISTER, Thomas A. (h). *Educación: Riesgos y promesas de las nuevas tecnologías de la Información*. Trad. Leandro Wolfson (Supervisor). Barcelona: Granica, 2001.
- CORAZZA, Sandra Mara. (2000). O que faz gaguejar a linguagem da escola. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), nº 10, 2000, Rio de Janeiro. *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, p.89-103.
- COSCARELLI, Carla Viana. (1998). O uso da informática como instrumento de ensino-aprendizagem. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, mar./abr., p.36-45.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. (2000). Mídia, estratégias de linguagem e produção de sujeitos. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), nº 10, 2000, Rio de Janeiro. *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, p.75-88.

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. (1989). Trad. e Org. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- GARCIA, Guto. (2003). *Como surgiu VEJA*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <cristianne.rocha@terra.com.br> em 27 jul.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade pessoal*. (2001). Oeiras: Celta.
- HOFFMANN, Elvira Coelho. (2002). As novas tecnologias aplicadas à educação. *Textual*, Porto Alegre, v.1, n.1, nov., p.6-9.
- HOUAISS, Antonio. (2003). *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva. 1 CD-ROM.
- JAMESON, Fredric. (1996) *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Guasco. São Paulo: Ática.
- LÉVY, Pierre. (2002). *Educação contra a exclusão digital*. Disponível em: <www.novae.inf.br>. Acesso em: 9 set.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* (1996). Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2001). O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.4, n.1, p.79-111.
- ROCHA, Cristianne Maria Famer. (2005). *A Escola na Mídia: Nada fora de controle*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- RÜDIGER, Francisco. (1999). Requiem pela escola? Perspectivas da educação na era da indústria cultural. In: PIMENTA, Marcelo *et alii*. *Tendências da comunicação 2*. Porto Alegre: L&PM, p.98-110.
- SACCHI DOS SANTOS, Luis Henrique. (2002). *Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil: uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção (1986-2000)*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- VEIGA-NETO, Alfredo. (2003). *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- WOLTON, Dominique. (2003). *Internet, e depois?* Uma crítica das novas mídias. Trad. Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina.
- ZINGARELLI, Nicola. (1996). *Vocabolario della Lingua Italiana*. Bologna: Zanichelli.

### **Revistas pesquisadas**

VEJA. São Paulo: Abril, 1998-2002.

ISTOÉ. São Paulo: Três Editorial, 1998-2002.